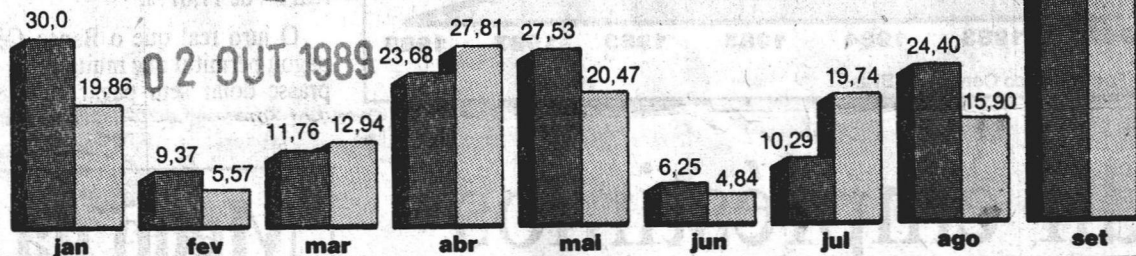
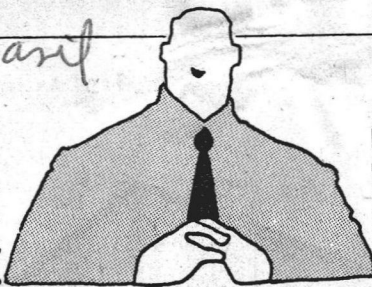
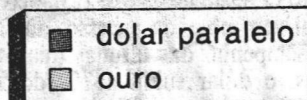


JORNAL DO BRASIL

Brasil



## Mudança de cenário foi repentina

Joyce Jane

SÃO PAULO — O cenário financeiro mudou radicalmente nos últimos 15 dias. O ouro e o dólar, que desde junho vinham relegados a segundo plano, passaram a ser as vedetes das aplicações, batendo recordes de valorização. A explicação para esse fato é simples: o mercado tem uma expectativa de inflação e o governo outra. Essa análise foi feita por um banqueiro que tem no comando de sua instituição um dos homens mais influentes na gestão da política monetária. As alterações de preferência nas pesquisas eleitorais também influenciaram esse nervosismo financeiro.

A mudança de quadro fez com que os bancos passassem para reavaliar a situação. "Rever expectativas para os bancos hoje é, basicamente, modificar as previsões da taxa de juros", explica o presidente da Federação Brasileira de Bancos (Febraban), Leo Cochrane Wallace Junior.

O fato é que muitas reuniões aconteceram nos bancos desde que a situação econômica deu sinais de que poderia ficar fora de controle. "O grande problema não é a inflação ter saído de 32% para 35% agora em setembro. A principal consequência desse salto inesperado do índice é o impacto na cabeça das pessoas", acredita Francisco Vidal Luna, ex-chefe da assessoria econômica do ex-ministro João Sayad e diretor do banco Mantrust. Para ele, foi esse pânico inicial que fez as pessoas saírem à procura de ouro e de dólar. Na sua opinião, esse comportamento não é de especulação, mas de medo.

"O Brasil é um país onde tudo muda muito rápido. Em maio, achava-se que caminharíamos para o caos e depois vieram três meses de profunda calmaria. Agora, de um momento para o outro, todo mundo voltou a ficar apavorado", analisa. Em função dessas mudanças

bruscas de comportamento é que ele considera o momento muito delicado. "Tudo vai depender da velocidade da inflação e da cabeça das pessoas", avisa.

Para Leo Cochrane, o governo vai manter uma política de juros adequada o que, aliada à indexação, impedirá que o país entre na febre de consumo e na onda de desorganização que assolou a Argentina. "Não vejo sinais de descontrole. A mudança de inflação não justifica esse oba-oba todo. Por isso, acho que há muitas chances desse quadro se reverter favoravelmente", opina ele.

**Sem alternativas** — De qualquer forma, os bancos não têm muito o que fazer diante desse cenário. Aqueles que se anteciparam à crise destinaram parte de seus patrimônios para participação em empresas, como foi o caso do Bradesco. Mas, diz Cochrane, nesse momento não há muito o que fazer para se proteger, porque não há muitos mercados onde se possa aplicar o dinheiro.

Ele reconhece que alguns bancos começam a destinar uma pequena parte de seu ativo para ações, mas diz que essa quantia não é significativa. "O que aconteceu de fato é que estamos mais seletivos nos créditos porque tivemos que aumentar muito a taxa de juros em função da alta da inflação", justifica.

O curioso é que o mercado financeiro se ajusta fácil às situações. "Estamos torcendo para que o índice se estabilize em 40%", diz Luna. Ele acredita que essa poderá ser a marca de outubro, uma vez que os primeiros 15 dias do índice já estão rodados. Para novembro, contudo, não dá para fazer qualquer previsão.

Esse cenário, entretanto, não mudou muito a filosofia de aplicação do Mantrust. A grande parte do seu caixa disponível está no overnight e no CDI (mercado interbancário), uma vez que ele acha não existirem muitas oportunidades de diversificação. Na sua avaliação, o ouro e o dólar são mercados de muito risco.

"O ágio pode cair e as pessoas terão que amargar enormes prejuízos, como aconteceu em maio", lembra Luna.

Os banqueiros, de uma forma geral, acham que o Brasil pode até chegar a uma inflação acima de 50% sem que isso represente uma desorganização assustadora da economia. "A indexação poderá manter a economia controlada", diz Leo Cochrane, para quem o sistema financeiro não passa de uma caixa de ressonância de tudo o que acontece na economia.

**Garantia** — Outro executivo financeiro, responsável pela gestão de uma caixa de US\$ 15 milhões, também tenta manter a calma diante do nervosismo das pessoas e garante que o over ainda é a alternativa mais segura de aplicação. "A maior parte do dinheiro está no over. No máximo, temos 10% em ouro e não pretendemos mudar essa posição", garante o administrador dessa caixa, Antonio Carlos Sabóia, que é diretor financeiro do Midbank.

Para ele, a preocupação de calote da dívida é ingênua, porque o endividamento interno ainda está longe do estrangulamento. Ele afirma que o momento preocupa, mas não apavora. "O que vejo para a frente é que a política de juro real vai continuar e com uma economia indexada, isso é o que importa". Ele alerta ainda para o perigo de se olhar para o mercado de ouro e de dólar como se eles fossem indicativos do comportamento geral dos investidores. "O ouro e o dólar são mercados muito pequenos e não devem servir como referência para o que está acontecendo na economia", diz Sabóia.

Nenhum desses banqueiros quer discutir a possibilidade de uma descrença em relação ao mercado de títulos públicos ou quanto ao juro real, que pudesse provocar um saque em massa. "Isso seria o fim do mundo. Com um saque maciço das aplicações financeiras, o país não teria como escapar da hiperinflação", sentencia Luna.